

Orações coordenadas

As relações de coordenação, denominadas também paratáticas, podem existir tanto entre os sintagmas de uma frase, como entre as unidades oracionais. Estas são caracterizadas por um maior grau de independência, comparativamente às orações subordinadas, podendo ser usadas como frases independentes, sem qualquer tipo de relação com a outra. Concomitantemente, o período composto por parataxe poderia ser dividido em duas orações independentes, absolutas, como exemplifica o seguinte caso:

A temperatura baixou e o céu está carregado de nuvens.

A temperatura baixou. O céu está carregado de nuvens.

Por outro lado, apesar de estas frases evidenciarem um alto grau de independência, no que à mobilidade dentro do período diz respeito, às vezes, a ordem das frases pode ser invertida, outras vezes não. Quando a inversão da ordem dos termos é possível, diz-se que os termos coordenados são **simétricos**.

O João comprou livros e dicionários.

O João comprou dicionários e livros.

O João e a Maria foram jogar tênis.

A Maria e o João foram jogar tênis.

Quando a ordem das frases coordenadas é impossível, trata-se de coordenação **assimétrica**. Nelas, a organização sintáctica das frases coordenadas vê-se restringida por factores pragmáticos ou lógico semânticos, como, por exemplo, é o uso consagrado de algumas construções ou a relação de adversão existente entre elas, como ilustram os seguintes exemplos:

Meninos e meninas... Senhores e senhoras. (uso estereotipizado)

?Meninas e meninos.? ?Senhoras e senhores?. (pouco aceitável)

Partiram de férias, mas não foram para o Algarve.

**Mas não foram para o Algarve, partiram de férias.*

A coordenação assimétrica ocorre também quando as proposições das unidades oracionais são relacionadas cronologicamente, i.e., perfazem uma sequência temporal de

eventos denotados, sendo impossível a sua delocação no período, como exemplificam o seguinte caso:

Eles saíram às oito horas e foram jantar ao restaurante.

Seria ilógica a inversão da ordem das duas orações.

**Foram jantar ao restaurante e eles saíram às oito horas.*

Coordenação sindética, assindética e polissindética

As conjunções que conectam os termos coordenados, são denominadas **conjunções coordinativas** (*e, mas, nem...*). Existem ainda os chamados **conectores coordinativos** (*porém, todavia, contudo...*), os quais são caracterizados por uma maior liberdade no que à mobilidade dentro do período diz respeito.

A relação paratáctica pode envolver dois ou mais termos; no primeiro caso, a **coordenação é binária**, no segundo caso, **múltipla**. A coordenação múltipla é tipicamente usada nas enumerações, como ilustra a seguinte construção.

Quando as unidades coordenadas são conectadas por uma conjunção ou por um conector, falamos de **coordenação sindética**. Quando os termos coordenados ocorrem justapostos, sem a conjunção ou sem o conector, falamos de **coordenação assindética**. O seu uso é, porém, limitado pelos factores pragmático–estilísticos. No caso da coordenação correlativa, todos os termos são introduzidos por uma das partes da conjunção ou da locução correlativa, incluindo o primeiro termo. Neste caso a coordenação é chamada **polissindética**.

Observe-se os seguintes exemplos para cada um dos tipos de coordenação:

Vesti o casaco e saí.

Coordenação binária, sindética

*O meu filho **nem** come **nem** bebe **nem** dorme.*

Coordenação múltipla, sindética

Aqui estou, (-) aqui vivo, (-) aqui morrerei.

Coordenação múltipla, assindética

As coordenação múltiplas cujas últimas duas unidades são conectadas por uma conjunção coordinativa, são consideradas sindéticas pela sintaxe portuguesa.

O aluno escreveu o ditado, (-) entregou-o à professora e foi-se embora.

As conjunções coordinativas podem ocorrer numa construção unária como *e, nem, ou, mas* ou numa construção binária - correlativa, como *não só...mas também, tanto...como, ou....ou, ora....ora, nem....nem, quer....quer*, etc. No primeiro caso, as conjunções são

chamadas **conjunções coordenativas simples**, no segundo caso, **conjunções coordenativas relativas**.

As conjunções coordenativas, simples ou correlativas, são habitualmente classificadas, com base no seu valor semântico, em três tipos: copulativas, disjuntivas e adversativas, sendo, concomitantemente, a coordenação denominada como **coordenação copulativa, disjuntiva ou adversativa**.

Coordenação copulativa

A coordenação copulativa consiste no valor básico semântico aditivo que caracteriza a relação existente entre os termos coordenados. Estes são ligados por uma **conjunção copulativa** ou **aditiva** que pode ser simples ou composta. A conjunção aditiva simples mais típica é a conjunção simples **e** e **nem**:

O meu filho voltou das férias e trouxe-me uma recordação.

*Não vou ao cinema **nem** vou ao teatro.*

As conjunções copulativas compostas (correlativas) são, por exemplo, **não só.... mas também, não só.....como, tanto.....como**:

*Vou ler **não só** o livro **mas também** a revista.*

*Tu **não só** não estudas **como** não deixas os outros estudar.*

A coordenação correlativa aditiva resultaria inaceitável cas não fossem introduzidos todos os termos por uma conjunção, o que exemplifica a seguinte frase:.

Tu não estudas **como não deixas os outros estudar.*

Vou ler o livro **mas também a revista*

Coordenação adversativa

A coordenação adversativa consiste na relação contrastiva ou contrapositiva que há entre os termos coordenados que podem ser conectados por **conjunções adversativas**, denominadas também **contrajuntivas**. A conjunção mais típica deste tipo de coordenação é a conjunção **mas e senão**.

*O João viu o livro na montra **mas** não o comprou.*

*Não come **senão** o chocolate.*

Ao mesmo tempo, existem os **conectores adversativos** como *porém, todavia, contudo* que, tradicionalmente são classificados como conjunções, mas que, de facto, se afastam delas por terem uma relativa liberdade no que que à mobilidade dentro da frase diz respeito. Estes conectores não introduzem obrigatoriamente o membro coordenado, podendo ocorrer dentro dele. Sempre são separados do resto da frase por vírgulas, como exemplificam os seguintes casos:

*Ela está cansada, **todavia/porém/contudo**, os trabalhos impedem-na de tirar férias.*

*Ela está cansada, os trabalhos, **todavia/porém/contudo**, impedem-na de tirar férias.*

Os conectores contrastivos podem co-ocorrer no período com uma conjunção, desde que a sua combinação seja semanticamente compatível. Veja-se o seguinte exemplo:

*Ela está cansada **e, porém**, não pode tirar férias.*

*Poupou bastante dinheiro, **mas, porém**, não chega para pagar o carro novo.*

Coordenação disjuntiva

A coordenação disjuntiva implica o valor de alternativa entre os termos coordenados, sendo as unidades coordenadas conectadas, tipicamente, por uma **conjunção disjuntiva** ou **alternativa que pode ser simples** (*ou*) **ou correlativa** (*ou...ou, nem....nem, ora....ora seja....seja, quer....quer, já...já*). Não se recomenda combinar nestas conjunções correlativas os elementos *ou, nem, ora, seja, quer, já*, embora ocorram com menor frequência.

Existem dois tipos de disjunção: exclusiva e inclusiva. Se a escolha implica a selecção de um termo em detrimento do outro, falamos da **disjunção exclusiva**, como exemplifica o seguinte caso:

*A criança **ora** está a rir **ora** está a chorar.*

***Ou** fazes o que te digo **ou** ficamos zangados.*

No caso da **disjunção inclusiva**, os termos em alternativa são compatíveis, como ilustra as seguintes frases:

***Quer** o gato **quer** o cão detestam ver estranhos em casa.*

*Ele sempre se esquece **ora** da carteira, **ora** das chaves, **ora** do telemóvel.*

Além destes três tipos de coordenação, geralmente se mencionam mais dois: coordenação explicativa e coordenação conclusiva.

Coordenação explicativa

Fala-se da **coordenação explicativa**, quando a segunda oração coordenada exprime o motivo de se ter realizado a proposição anterior. Podem ser sindéticas ou assindéticas. Quando sindéticas, são introduzidas pelos **conectores explicativos**, *pois*, *que*, *porque*, *porquanto* que atribuem à oração o valor semântico de efeito, causado pela proposição da primeira oração coordenada.

*Não recebi o ordenado hoje, **pois/porquanto** não vou trabalhar amanhã.*

Não troces dele: (-) está apaixonado.

Do ponto de vista semântico, aproximam-se das orações adverbiais explicativas. Distinguem-se delas, contudo, pelas seguintes restrições sintáticas: impossibilidade de ocorrerem em posição inicial, pela impossibilidade de serem coordenadas e pela impossibilidade de colocação pré-verbal dos pronomes clíticos em orações finitas, como mostram os seguintes casos de incompatibilidades sintáticas:

**Pois/porquanto não vou trabalhar amanhã, não recebi o ordenado hoje.*

**Não recebi o ordenado hoje, pois/porquanto não os vou ajudar amanhã.*

**Não recebi o ordenado hoje, pois/porquanto não vou trabalhar amanhã e pois não os vou ajudar.*

A frase: “Não recebi o ordenado hoje, **pois/porquanto** não vou trabalhar amanhã.” é, portanto, coordenada explicativa.

Já as orações adverbiais explicativas podem encontrar-se em posição inicial, podem apresentar estruturas de coordenação e podem ter o pronome clítico na colocação pré-verbal, como mostram os seguintes casos:

Como estava mau tempo, ficámos em casa.

Ficámos em casa porque estava mau tempo e, também, porque não nos apetecia sair.

Já que te conheço, não me admira a tua actitude.

Coordenação conclusiva

Quando a segunda oração coordenada exprime conclusão ou consequência lógica da primeira proposição, fala-se da **coordenação conclusiva**. Os **conectores conclusivos** *logo, pois, assim, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência*. atribuem à oração coordenada conclusiva o valor de conclusão, o qual se depende da situação reportada pela outra oração. Este tipo de conectores aproximam-se de expressões adverbiais ou preposicionais que funcionam como adjuntos frásicos ou verbais com valor consecutivo ou resultativo. Destas diferem, contudo, pelo uso dos conectores. Nas orações subordinadas adverbiais consecutivas são usados outros conectores: *de forma que, de modo que, de maneira que* que não permitem a livre mobilidade no período.

*Ele não conhece bem o caminho, pode, **pois/ assim/ por conseguinte/ por consequência/ concomitantemente**, enganar-se. (coordenação conclusiva)*

*Ele não conhece bem o caminho, **de modo que** pode enganar-se facilmente.*

(subordinação resultativa)

Polissemia das conjunções.

Algumas conjunções podem, para além do seu valor por excelência (o valor básico) apresentar ainda outros valores que resultam essencialmente do contexto linguístico. Por exemplo, a conjunção **e**, para além do valor por excelência aditivo, adquire, contextualmente, os seguintes possíveis significados:

- s. conclusivo: *A empresa declarou falência e as acções desceram 50% na Bolsa.*
- s. condicional: *Não comes a sopa e eu não te levo ao cinema.*
- s. temporal de sequencialidade: *Cheguei a casa e fiz o jantar.*
- s. temporal de simultaneidade: *A Joana estava a cantar e o Rui estava a tocar piano.*
- s. adversativo. *Apresentei-lhe o projecto e ele recusou-o.*

A conjunção **mas** mostra, igualmente, uma semelhante diversificação interpretativa, também dependente do contexto linguístico. Assim, para além do valor por excelência, que é o adversativo, pode apresentar, também o valor aditivo, como mostra a seguinte frase:

Eu gosto de chocolate mas o Rui gosta de bolachas.

O *mas* pode apresentar ainda dois significados importantes: o enfático e o focalizador que consiste em delimitar o foco contrastivo de uma acção.

Quanto aos significado enfático, este é estilisticamente marcado, enfatizando a importância do verbo ou do adjectivo com a finalidade de destacar algumas propriedades do sujeito da proposição:

*Esta criança corre **mas** corre. (corre muito)*

*Edifício era alto **mas** alto (mas mesmo alto).*

*Uma mulher linda **mas** (mas realmente) linda entrou numa igreja.*

A conjunção *mas* serve também para delimitar o foco contrastivo de uma acção, juntamente com o verbo *ser* na 3ª pessoa do singular que coincide, temporalmente, com o verbo pleno.

*Ele **vai** mas é ao cinema não ao teatro.*

*Eu **vou** mas é embora.*

*A criança **estava** mas era doente.*

Orações ou períodos interferentes

As orações ou períodos interferentes apresentam um tipo particular de conexão em que uma frase acrescenta algum tipo de informação sobre outra oração independente ou sobre uma expressão nominal da outra oração, sem que, no entanto, as duas orações estejam sintacticamente dependentes. Este tipo de conexão chamamos **suplementação**. À oração que introduz o comentário chamamos **suplemento** e à oração ou à expressão nominal dessa oração, sobre a qual incide o comentário veiculado pelo suplemento, chamamos **âncora**. Na linguagem escrita, estas construções separam-se por vírgulas, parênteses ou travessões: Veja-se o seguinte exemplo, onde a construção sublinhada é o suplemento e a não sublinhada, âncora:

O Pedro, se não estou em erro, já não trabalha neste banco.

A oração que contém esta suplementação, é denominada **oração hospedeira (interferente ou intercalada)**, ou também **parentéticas**) e pode ser introduzida por uma conjunção.

Um dos tipos das orações hospedeiras são as **estruturas de enunciação**, que poderiam ser caracterizadas como estruturas adverbiais periféricas, as quais não apresentam uma relação semântica directa entre os dois conteúdos proposicionais. Para além disso, a relação de conectividade semântica e sintáctica existente entre elas, é muito fraca, o que se reflecte, entre outros, também na independência temporal das duas orações:

Se bem me lembro, iam à praia todas as tardes. (suplementação)

Se quisessem, iam (iriam) à praia todas as tardes. (subordinação)

Este tipo de orações pode ter vários valores semânticos. Aos mais frequentes pertence o valor de comentário, representado pelas estruturas de enunciação final, condicional, concessiva ou conformativa, como ilustram os seguintes exemplos:

Para ser sincero, não penso que esta equiúta seja melhor. (final)

Naquela altura, se bem me lembro, a casa da música ainda estava aberta. (condicional)

Ao miúdo ocorreu a ideia de, sei lá porquê, roubar na loja o chocolate. (comentário)

Segundo o jornal apurou, a principal razão da construção da linha ferroviária foi a de ligar a cidade ao litoral. (conformativo)

Que eu saiba, não pedi registo de patente nem reivindiquei qualquer originalidade.

(concessivo)